

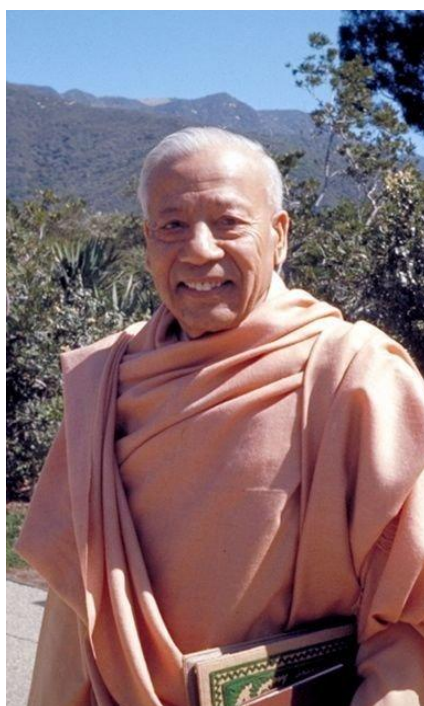
A Vida da Santa Mãe por Swami Prabhavananda



Transcrito por Swami Krishnananda
Compilado por Gopal Stavig
Publicado na *American Vedantist* - Vol. 15, edições 3 e 4 (2009/2010)

Prefácio

Swami Prabhavananda (1893 - 1976) conheceu a Santa Mãe Sri Sarada Devi quando tinha 14 anos. Ao ser profundamente tocado pelo poder divino dela, teve sua vida transformada e a inclinação para seguir o caminho monástico. Foi iniciado por Swami Brahmananda e em 1914 entrou para a Ordem Ramakrishna, tendo servido a Santa Mãe diretamente em diversas ocasiões, além de dividir momentos únicos ao lado dela ou com aqueles que com ela viviam. A partir de suas experiências pessoais, Swami Prabhavananda dedicou muitos de seus discursos falados e escritos a recontar as maravilhas que presenciou naquela época, sendo testemunha ocular da poderosa influência espiritual que a Santa Mãe exercia naquele início da Ordem Ramakrishna e em tantos milhares de devotos que foram até ela. Este artigo, publicado na revista *American Vedantist*, é um compilado de histórias contadas ao longo dos anos pelo Swami, tanto em palestras quanto em escritos, e traz detalhes corriqueiros de suas vivências com ela. Swami Prabhavananda escreveu diversos textos sobre a Santa Mãe e também foi gravado em vídeo e áudio, nos anos 70, discursando sobre ela, materiais que estão hoje facilmente acessíveis na internet - assista a duas palestras do Swami no Youtube: [1962](#) e [1973](#)). Swami Prabhavananda foi para os Estados Unidos em 1923 e lá fundou a Vedanta Society do sul da Califórnia e de Portland. É autor, dentre outros, de obras como *O Sermão da Montanha de acordo com a Vedanta* e coautor de *O Eterno Companheiro*.



Swami Prabhavananda

Introdução

Swami Prabhavananda (1893 - 1976) nasceu no vilarejo de Surmanagar, Índia, e cresceu em Vishnupur, a cerca de quinze quilômetros a oeste da cidade natal da Santa Mãe, Jayrambati. Ele conheceu onze dos dezesseis discípulos monásticos de Sri Ramakrishna, com muitos dos quais viveu e conheceu intimamente, além de ter ouvido inúmeras histórias sobre a Santa Mãe. Além disso, também conheceu Swami Sadananda, Mahendra Nath Gupta, Girish Ghosh e Irmã Nivedita. O que temos neste artigo é uma transcrição levemente editada de uma palestra dominical dada pelo Swami intitulada “Santa Mãe”. Esta palestra foi concedida em 16 de setembro de 1973, no templo da Vedanta Society de Hollywood (Califórnia, USA). Durante a palestra, o Swami mencionou que algumas dessas histórias não poderiam ser escritas. Neste manuscrito e particularmente nas duas últimas seções, informação adicional é dada e indicada nas notas¹. Como um todo, este material foi retirado de catorze palestras dadas entre 1948 e 1975 por Swami Prabhavananda sobre a Santa Mãe.

As experiências pessoais de Swami Prabhavananda

A vida da Santa Mãe foi belamente escrita por vários autores, por isso não contarei a história de sua vida, falarei sobre minhas próprias experiências. Tive a sorte abençoada de encontrá-la muitas vezes em minha vida. Também contarei a vocês o que ouvi diretamente dos discípulos de Sri Ramakrishna e vocês perceberão como eles a viam, e também algumas histórias que ouvi do

¹ Este artigo, com algumas alterações, foi publicado anteriormente no boletim do Instituto de Cultura da Missão Ramakrishna (dezembro de 2007), pgs. 532-42. O uso de palavras por Swami Prabhavananda em discursos públicos era mais informal do que seu estilo de escrita. Cerca de 11% dos eventos descritos neste artigo (principalmente na parte inicial) são encontrados com redação diferente em *Swami Prabhavananda: Minhas Memórias da Santa Mãe*, publicado na revista *Prabuddha Bharata* (março de 1969), pgs. 90-92; Swami Prabhavananda em *A Santa Mãe como um Discípulo a Viu*, no livro *Sarada Devi: A Grande Maravilha* (Nova Délhi: Missão Ramakrishna, 1984), pgs. 158-60.

atendente dela (Rashbehari, mais tarde Swami Arupananda), um de meus irmãos-discípulos.

Primeiramente, falarei sobre minhas próprias experiências com ela. Seu local de nascimento, Jayrambati, fica a cerca de 15 quilômetros de minha cidade natal. Para ir de lá para Calcutá, ela pegava um trem até a minha cidade, Vishnupur. Ela descia na estação de trem e precisava esperar um pouco até conseguir um carro de boi para voltar a seu vilarejo. Naquela época, praticamente ninguém em nosso distrito sabia quem era a Santa Mãe.

Ela estava hospedada em uma estalagem e estava na varanda no dia que eu a vi pela primeira vez. Um amigo e eu tínhamos saído para uma caminhada. Eu tinha 14 ou 15 anos e reparei em Radhu, a sobrinha da Santa Mãe, de pé segurando um dos pilares. Depois, notamos um homem santo que estava sentado e rodeado de mulheres, que também estavam sentadas.

Enquanto eu e meu amigo continuávamos a caminhar, criticávamos aquele sadhu: “Veja aquele homem santo rodeado de mulheres!”. Como resultado, vejam o que aconteceu comigo²! Quando voltamos da caminhada já estava um pouco escuro. Meu amigo ia para casa por um caminho e eu por outro. Porém, algo me puxou de volta para aquele homem santo. Ele disse: “Você quer ver a Santa Mãe?”, eu fiquei animado porque já havia lido o *Evangelho de Sri Ramakrishna*. Quando era menino, eu era ateu, e foi o *Evangelho de Sri Ramakrishna* que me atraiu. Enquanto lia, Naren e Rakhal eram nomes que me atraíam.

Eu disse: “Santa Mãe? Você quer dizer a esposa do Paramahansa?”. “Sim”, ele respondeu. Ela estava bem ali e toquei seus pés com meus dedos, e ela me beijou como nossa mãe nos beija, colocando os dedos no queixo e depois levando-os aos

² Em 1929, Swami Prabhavananda fundou a Sociedade Vedanta do Sul da Califórnia, que inclui dois mosteiros e dois conventos em locais diferentes.

lábios. Então ela disse: “Filho, eu já não te vi antes?”, eu disse: “Não, Mãe, eu nunca te vi”. É claro que as mães reconhecem seus filhos, mas infelizmente os filhos não reconhecem a mãe que é a Mãe do Universo.

A Santa Mãe ia para Calcutá e se hospedava no escritório de Udbodhan [escritório da revista de mesmo nome, publicada pelos monges]. Visitantes eram permitidos duas vezes na semana para que entrassem e tocassem os pés dela. Um dia era reservado para as mulheres e outro para os homens. Eu costumava ir vê-la uma vez na semana e ela sempre tinha o véu na cabeça. Eu ia até lá e tocava seus pés. Ela permanecia sentada com seu corpo e rosto cobertos. Dava para ver apenas seus pés. Milhares de pessoas iam até lá. Tinham pessoas na fila por dois ou três quarteirões.

Eu não tinha nenhuma reverência especial pela Santa Mãe porque sempre a considerei como uma simples mulher do campo, como minha própria mãe. No entanto, eu ia porque obtinha uma sensação maravilhosa, como um choque elétrico, toda vez que tocava seus pés. Mais tarde, eu soube que era assim que ela transmitia poder espiritual. Mas eu não sabia até então. Eu ia uma vez por semana apenas por aquela sensação, já que depois eu sentia uma influência sutil em todo meu corpo. A Santa Mãe ia e ficava em Calcutá por seis meses, e depois ficava em Jayrambati por seis meses. Isto era por volta de 1910 ou 1911.

Uma vez, eu e outro amigo (que se tornou Swami Amriteswarananda) fomos juntos para Vishnupur. Se ele estivesse vivo hoje, tenho certeza que seria o presidente da nossa Ordem. Eu o chamava de Paresh. Ficamos em casa alguns dias e depois pegamos um carro de boi e viajamos a noite toda, dormindo no carro. Primeiro, fomos para Koalpara, a cerca de cinco quilômetros de Jayrambati, onde a Santa Mãe costumava ficar de vez em quando. Em Koalpara, há uma casa de tijolos com uma fotografia da Santa Mãe e de Sri Ramakrishna. Vimos uma foto da Santa

Mãe, que ela mesma tinha colocado e adorado. Assim, tivemos a grande sorte de ver aquela foto e prestar reverências. Sri Ramakrishna também adorou sua própria fotografia e disse: “Um dia, esta fotografia (querendo dizer a fotografia dele mesmo) será adorada em muitos lares pelo mundo”.

Eu sempre carreguei uma fotografia da Santa Mãe. Um amigo me deu esta foto no escritório de Udbodhan. As fotos não eram geralmente vendidas naquela época. Tenho carregado esta foto minha vida inteira. A Santa Mãe disse durante uma visão: “Vejo que muitos na América colocarão minha foto à esquerda de Thakur”. Acho que fui o primeiro a fazer isso. Esta é a fotografia que temos no templo da Vedanta Society de Hollywood.

Enquanto íamos para a casa da Mãe, nos atrasamos. Ela disse a seu atendente, Rashbehari (Swami Arupananda), que mais tarde registrou os ensinamentos da Santa Mãe: “Dois dos filhos de Rakhal estão chegando. Guarde um pouco de comida para eles”. Nós não tínhamos escrito para ela, nem ligado pelo telefone, mas ela sabia que estávamos chegando.

Quando estávamos em seu vilarejo, ela não usava véu ou qualquer coisa do tipo. Assim como uma mãe, ela nos servia comida em pratos de folha. Uma coisa interessante: ela se parecia com a mãe de cada um que a via. Por isso, ela parecia com minha própria mãe. Eu não via diferença. Não era assim apenas comigo, mas também com muitos outros que conheci. Quando íamos vê-la, ela agia e se comportava como nossas próprias mães. Ela sentava ao nosso lado e perguntava se tínhamos gostado da comida, assim como nossas mães fazem. Se gostávamos de algo, ela nos dava mais. Assim ela nos alimentava. Eu nunca comi comida igual àquela em toda minha vida. Era como néctar, ainda posso me lembrar. Depois de terminarmos, estávamos indo jogar fora os pratos, mas a Mãe disse: “O que estão fazendo?”. “Não podemos deixar estes pratos aqui. Nós comemos neles”, respondemos. Ela

disse então: “O que vocês fariam se suas mães estivessem aqui presentes?”, e por isso deixamos os pratos na mesa.

Nós dois passamos três dias e três noites lá. Quando fomos embora, a mãe ficou parada na porta e nos beijou, e enquanto podia acompanhar, ficou nos assistindo ir embora. Este era o costume que ela tinha com todos que costumavam ir até ela. Eram tempos maravilhosos. Não tínhamos ensinamentos, nem nada assim. Ela não nos ensinava nada. Apenas vê-la e tocar seus pés eram o suficiente.

Quando estávamos lá, ela iniciou um jovem, e quando voltamos, ele estava muito doente e morrendo. No momento da morte, ele sentou-se ereto e recitou o mantra que a Santa Mãe havia lhe dado. Deste ponto de vista, aquela foi uma morte ótima.

Em Belur Math

Quando éramos estudantes em Calcutá, nos avisaram que a Mãe viria para Belur Math e que precisavam de voluntários. Muitos garotos do colégio foram. Fizemos filas em Belur Math. Não era a mesma construção de hoje e por isso havia bem pouco espaço. A Santa Mãe foi carregada em um palanquim até o portão e tinha uma cadeira preparada para ela. Havia quatro discípulos de Sri Ramakrishna: Maharaj (Swami Brahmananda), Swami Saradananda, Swami Premananda e Swami Shivananda. Eles a carregaram nos ombros. Então o Maharaj deu a ordem de que ninguém poderia curvar-se a ela naquele momento, porém, podíamos ver Khoka Maharaj (Swami Subodhananda) rolando no chão diante dela. O Maharaj perguntou: “Quem é, quem é?”. É claro que Khoka Maharaj desapareceu naquele meio-tempo. Depois, a Mãe foi levada pelos quatro Swamis ao andar de cima, para o santuário. Acredito que ela tenha sido adorada por eles naquele momento. Uma coisa que sei é que enquanto estava viva, ela foi adorada por milhares de pessoas como uma Deusa viva.

Enquanto viveu na Terra, eu a vi por apenas mais uma vez, quando me tornei monge e três de nós - Prajnan Maharaj e Satyen (Swami Atmabodhananda) - fomos para Mayavati. Maharaj (Swami Brahmananda) nos disse: “Vão e recebam as bênçãos da Santa Mãe”, e assim fomos. Naquela época, ela não estava com o véu e, claro, nos beijou como sempre. Depois ofereceu uma flor para cada um. Não sei o que os outros fizeram, mas quando a flor secou, eu a joguei fora.

As experiências de outras pessoas com a Santa Mãe

Um curioso acontecimento me vem à mente. Havia um brâmane que foi reverenciar a Santa Mãe. Quando estava em Calcutá, ela se cobria completamente. Ela ficava sentada e dava para ver apenas seus pés. O velho homem sentou aos pés dela e começou a meditar, praticar exercícios de respiração e todo tipo de coisas que são feitas durante uma adoração ritualística diante da deidade. Era um dia quente e a Santa Mãe suava embaixo do véu, toda coberta. Então, uma atendente da Mãe, Golap Ma, chegou e o tirou dali dizendo: “O que é isso? Você acha que ela é uma imagem de barro e que deve dar vida a ela?”.

Tem uma outra história muito interessante. Não sei se essas histórias foram publicadas, não tenho ideia. Isso aconteceu no escritório de Udbodhan quando a Mãe estava lá. Na parte de baixo ficava o escritório da Udbodhan e na parte de cima era o espaço da Santa Mãe. Havia um quarto e do outro lado o santuário. Ela estava no santuário desta vez. Tinha um homem santo que sempre aparecia, ele não pertencia a nossa Ordem. Ele se prostrou diante da Santa Mãe e depois foi sentar-se no escritório na parte de baixo. A Mãe mandou três frutas para ele, mas ele ficou em silêncio. Os outros disseram: “Vá embora agora, vá embora”, mas ele não ouvia ninguém. Ele continuava sentado e não se movia.

Cerca de uma hora depois, a Mãe mandou outra fruta. Ao receber a fruta, ele começou a dançar alegremente dizendo: “Finalmente a Mãe me concedeu a liberação”. Os três frutos são: dharma, artha, kama. Dharma é o mérito, artha é a fortuna e kama é aquilo que você deseja. No entanto, moksha, o quarto fruto, é a liberação. Por isso, quando a Mãe deu a ele os três frutos, ele os segurou e não se moveu até que ela enviou o outro.

Agora, contarei sobre como Swamiji (Swami Brahmananda) e Swami Yogananda, que era atendente dela, tocavam em seus pés. Swamiji mergulhava no Ganges umas seis ou sete vezes. Ele achava que não era puro o bastante para tocar os pés dela. E apenas depois disso ele os tocava. Mas nós não pensávamos nisso e íamos até ela sob quaisquer condições. Porém, o Maharaj ia até ela como um garotinho que tinha medo de chegar perto da mãe, por isso, ele se recompunha dizendo: “Oi, Radhu, como você está?”, depois ele se curvava a ela e tentava ir embora, mas a Mãe dizia: “Rakhal, sente-se”. Em outras ocasiões, Swami Brahmananda se aproximava da Santa Mãe com emoção espiritual e fervor, e todo seu corpo começava a tremer. Quer dizer, ele entrava em uma consciência exaltada toda vez que se aproximava para tocar os pés dela. Swami Yogananda, que era atendente dela, não tocava nos pés. Onde ela ficava, ele ia até lá e pegava a poeira deixada depois que ela ia embora³. Tudo isso aconteceu depois de Thakur deixar o corpo.

Talvez vocês conheçam a história de como, quando Thakur faleceu, a Mãe chorava dizendo: “Ó Mãe, por que me deixou aqui sozinha?”. Que relação eles tiveram! Ela o chamava de “Mãe”, e ele a chamava de “Mãe”. Quando ela estava para começar a se vestir como viúva, Thakur disse para ela em uma visão: “Não estou morto, apenas este e aquele quarto nos separam, é apenas isso”. Ela vivia no vilarejo e vestia um manto branco com bordas

³ Tradicionalmente, para demonstrar reverência, os devotos tocam os pés de uma pessoa santa com as mãos e, em seguida, colocam as mãos sobre a própria cabeça ou coração. Isso é chamado de “tirar o pó dos pés”.

vermelhas. Viúvas não são permitidas de vestirem-se com bordas vermelhas, e também, não devem usar a marca vermelha na testa. Mas eu soube que ela usava a marca em outra parte da cabeça para que não fosse notada, porque ela sabia que ele não estava morto.

Ela não fazia distinção entre pecador ou santo. Enquanto Thakur estava vivo, ele pediu que três de seus seguidores tomassem iniciação com a Santa Mãe, mas depois, após o falecimento dele, ela iniciava qualquer um que pedisse. A Santa Mãe comentava: “Thakur selecionou seus discípulos, mas está mandando outros tantos para mim, como formigas enfileiradas”, e assim ela iniciou todos que foram até ela.

Ela via a todos de maneira equânime. Havia um ladrão muçulmano, Amjad, a quem chamaremos de “bandido”. Ele tinha grande respeito e reverência pela Santa Mãe e por isso sua vida mudou completamente. Ele costumava levar frutas para a Mãe. Quando uma das mulheres da casa estava quase jogando a comida para ele ao servi-lo, a Mãe ficou em choque e disse: “O que é isso? Ele é meu filho assim como Sarat (Swami Saradananda)”, então ela mesma o serviu.

Em conexão a isso, há uma história muito interessante da qual me lembro. Havia um homem que estava sempre bêbado, e Swami Saradananda nunca o deixava ir ver a Santa Mãe porque ele não sabia como o homem se comportaria. Ele estava bêbado quase que o tempo todo. Uma vez, à meia-noite, ele veio e começou a rolar no chão perto da casa de Udbodhan, onde a Mãe morava, e cantou uma canção assim: “Acalenta minha preciosa Mãe Shyama com ternura em teu íntimo, ó mente. Que somente tu e eu a contemplemos, sem deixar que nada mais interrompa”, e depois emendou: “Que aquele enfadonho Sarat não interrompa”. Enquanto cantava, a Santa Mãe de repente abriu a porta e saiu para abençoá-lo.

A Santa Mãe desobedeceu Sri Ramakrishna uma vez. Tinha uma mulher de caráter ruim que queria oferecer comida a Sri Ramakrishna, então ela levou a comida para ele e a Santa Mãe a seguiu. Sri Ramakrishna não conseguiu tocar naquela comida. A Santa Mãe disse: “Não, você precisa comer esta comida. Quem quer que me chame de ‘Mãe’ é meu filho ou filha. Você tem que comer”, e ele comeu. Ela não enxergava pecadores nem santos. É claro que aquela mulher foi totalmente transformada.

Swami Vivekananda costumava dizer que a Santa Mãe ficava em samadhi o tempo todo. Ao mesmo tempo, ela era ativa, fazia os serviços domésticos, conversava e aparentava um estado normal. Era fenomenal. Já ouvi o Swami Turiyananda dizer: “A Mãe nunca desce além do chakra da garganta. Nós temos dificuldades de levar a mente até este centro, mas a Santa Mãe considerava difícil ir do centro mais elevado até este outro centro e forçar sua mente a ficar ali”.

Pensem nisso, é um homem de Deus falando. Em outras palavras, ela vivia em bhava samadhi, ou samadhi constante e, ao mesmo tempo, lidava com todo o trabalho. Vejam o poder da Mãe.

Tinha também o sobrinho de Ramakrishna, Shibuda (Shibu ou Shivaram). Eu o conheci, e também seu irmão Ramlal⁴. Ele era muito devotado à Santa Mãe. Uma vez, ela estava indo de Jayrambati para Kamarpukur, e Shibuda estava levando as roupas e outras coisas que ela precisava. De repente, Shibuda se virou para ela e disse: “Tia, me diga quem você é”. “Ó Shibuda, o que você está dizendo? Eu sou sua tia.” “Bem, se você é apenas minha tia, aqui está sua mala. Você mesma a carrega.” Então ela disse: “Não, eu sou a Mãe Kali”, e ele pegou a mala de volta.

⁴ Shibuda ou Shibu (Shivaram) era o irmão mais novo de Ramlal (1858 - 1933) e filho do irmão mais velho de Ramakrishna, Rameswar.

Uma outra vez, Shibuda chegou e queria ficar três noites em Jayrambati. A Mãe disse: “Como poderia? Como ficará a adoração das deidades?”, ele respondeu: “Eu já fiz a adoração para os três dias e três noites”. “Isso não resolve, você precisa fazer adoração todos os dias. Volte.” “Tudo bem, tia, mas me diga quem você é.” E novamente ela disse: “Eu sou a Mãe Kali”, então ele entoou alguns versos e se curvou à Mãe.

Swami Ramakrishnananda a levou para o sul da Índia. Tinha uma mulher que, acho, era discípula do Maharaj. Esta mulher não sabia outra língua além de tamil, e a Santa Mãe sabia apenas bengali, mas elas conversaram por uma hora mais ou menos e se entenderam perfeitamente. Isso aconteceu quando a Santa Mãe visitou o mosteiro da Ordem em Bangalore. Eu ouvi isso de um famoso Swami que estava presente na ocasião.

Ela foi levada para um passeio e quando voltou havia cerca de mil pessoas reunidas lá. A Mãe olhou para elas e disse em bengali: “Eu gostaria de falar sua língua”. Quando isso foi traduzido para o público, eles disseram: “Não, Mãe, não queremos te ouvir falar, apenas queremos receber seu Darshan”. A Santa Mãe meditou sentada em uma pedra em Bangalore e hoje há um pequeno santuário lá com uma foto dela.

A maneira como ela recebeu os discípulos ocidentais de Swamiji é notável. Quando ele voltou dos Estados Unidos, trouxe consigo algumas discípulas - Nivedita, Tantine e a senhora Ole Bull. Elas foram apresentadas a Santa Mãe, que estava sentada no chão perto delas. Elas receberam doces em um prato e, claro, não houve nenhuma conversa porque a mãe não sabia a língua delas. Swamiji estava em pé e as discípulas comiam. De repente, a Santa Mãe pegou um doce e disse: “Por que eu não deveria comer do mesmo prato que minhas filhas?”. Até Swamiji ficou impressionado, porque ele sabia que ela havia aceitado suas discípulas ocidentais.

Durante o Mahasamadhi dela, todos os discípulos de Thakur estavam presentes. Os discípulos não foram permitidos de entrar no quarto, exceto seu atendente. Três dias antes de falecer, ela comeu arroz tufado misturado com óleo de mostarda, cebolas e pimentas verdes. Este é o prato preferido das mulheres daquela região.

Ela estava muito doente e comendo aquilo [que não era a recomendação médica] e por isso, Golap Ma foi contar para Swami Saradananda. Ele foi até ela e se curvou. Ela disse: “Meu filho, o que posso fazer por você?”, enquanto escondia a comida como uma garotinha. Então o Swami disse: “Eu quero aquilo”, apontando para a comida, e a Mãe a deu para ele. Após três dias, ela faleceu e isso fez o Swami se sentir mal.

Durante o período de seu mahasamadhi, quando ela estava desfalecendo, Swami Brahmananda não veio. Ele estava em Bhubaneswar. Perguntaram para Swami Saradananda: “Por que todos os discípulos estão presentes, mas o Maharaj não?”. Ele respondeu: “O Maharaj não é como nós”. Maharaj tinha o poder de estar onde quer que fosse e ainda ir (em forma sutil) visitar qualquer um. Assim, ele a visitou. A Mãe sabia. Swami Saradananda também sabia e por isso ele disse “Ele não é como nós”.

No momento exato da morte dela, o Maharaj disse ao Swami Nirvanananda: “A Mãe acabou de deixar o corpo”. O telegrama chegou logo após isso. Na hora de sua morte, a beleza da Mãe apareceu. Enquanto estava viva, aquela beleza não estava lá porque as pessoas poderiam olhá-la com olhos impuros e isso faria mal a elas. Por isso, sua verdadeira beleza apareceu apenas quando morreu.

Swami Saradananda ficou se sentindo mal por ter tirado o prato de comida da Mãe. Quando o Maharaj foi a Calcutá, Swami

Saradananda contou a história e disse: “Maharaj, você precisa comer a mesma comida e deixar que ela coma através da sua boca”. Então ele preparou o mesmo prato e o Maharaj, em estado estático, comeu.

Parte 2

Estar na presença da Santa Mãe, mesmo que por um segundo, por um momento, era o bastante. Tocar os pés dela era o suficiente. Isso foi experimentado por milhares de pessoas. E o que aconteceu? As vidas delas foram completamente transformadas. Quando se está pronto e preparado, a transmissão vem imediatamente; do contrário, a reação demora. É verdade, é fato: todos que receberam suas bênçãos tiveram suas vidas completamente transformadas. Eu vi pecadores se tornando santos, e não com palestras, nem por reunir informações sobre espiritualidade ou religião, mas em silêncio.

Swami Vivekananda falava da Mãe da seguinte maneira: “A Mãe vive continuamente em consciência transcendental e ainda assim mantém sua consciência normal”. Swamiji dizia sobre a Mãe: “Ela é a Durga viva”. Vou contar como Vivekananda chegou a este país (os Estados Unidos). Primeiro, ele teve uma visão de Ramakrishna, que queria que ele viesse para cá, mas Vivekananda pensou: “Eu preciso corroborar esta visão, e quem poderia corroborá-la?”, e por isso ele foi até a Santa Mãe sem dizer nada sobre a visão. Ele apenas pediu permissão a ela - ela daria a permissão para que ele fosse aos Estados Unidos para pregar?

O primeiro pensamento da Santa Mãe foi: “Não, ele é muito novo ainda para ir para um país estrangeiro”. Ela estava cogitando não deixá-lo ir e estava para escrever para ele quando Sri Ramakrishna apareceu, segurou em seu braço e disse: “Não, peça para ele ir”. Ela então abençoou Vivekananda e o encorajou a vir para este país.

A Mãe não tinha uma posição oficial, ela era a Mãe de toda a organização

Após o falecimento de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda organizou a Ramakrishna Math and Mission. Embora a Santa Mãe não detivesse uma posição oficial, ela era a Mãe de toda a organização. Sempre que surgia uma dúvida, dificuldade ou qualquer problema, ela era a resposta final para tudo.

Swami Vivekananda dizia que com todas as batalhas espirituais deles [dos monges] e com a obtenção de samadhi, a verdade mais elevada, quando houvesse qualquer problema em suas vidas espirituais que não conseguissem resolver, a Santa Mãe, de sua maneira simples, dissolveria quaisquer dúvidas e traria a solução. Como ele comentava: “É um milagre que aquela simples mulher do campo saiba tudo”. Os ensinamentos dela, como eu falei, eram a maioria em silêncio porque havia aquele tipo de poder nela.

Ouvi de um de seus atendentes, Rashbehari (Swami Arupananda): após muitos anos do falecimento de Sri Ramakrishna, a maioria dos discípulos diretos dele estava em Benares para uma celebração. A Santa Mãe também estava em Benares. Ela deu um dinheiro para um discípulo comprar mantos ocres para todos os discípulos de Sri Ramakrishna. Ela disse: “Compre um tecido de seda para Rakhal”. Rashbehari perguntou: “Mas por que? Todos eles são seus filhos, não são? Por que algo especial para Rakhal?”, e ela respondeu: “Sim, todos eles são meus filhos, mas Rakhal é meu filho”.

Em Benares, quando o Maharaj saudou a Santa Mãe enquanto ela descia as escadas, Golap Ma perguntou a ele: “A Mãe quer saber porque você precisa adorá-la”. Então, ele dançou como um garoto e disse: “Porque ela segura a chave para o conhecimento de Brahman”.

Todos foram visitar Saranath, próximo a Benares. Saranath é onde escavaram e encontraram as relíquias de Buda, e depois construíram um templo budista. Maharaj foi de carro e a Santa Mãe de carruagem para Saranath. De alguma maneira, Maharaj intuiu que quando a Mãe estivesse voltando de carruagem, haveria um problema na estrada. O cavalo se assustaria e a carruagem cairia. Ele disse para a Santa Mãe: “Você vai de carro e eu vou de carruagem”. Quando voltavam de carruagem, o cavalo se assustou e caiu. Não houve ninguém machucado. A Santa Mãe comentou: “Veja, Rakhal estava pronto para sacrificar sua vida pelo meu bem”.

Certa vez, acho que foi no aniversário de Sri Ramakrishna, a Santa Mãe foi para Belur Math participar da celebração. Assim que ela chegou, meu mestre, Swami Brahmananda, entrou em êxtase, em profundo samadhi. Pensem, apenas de sentir a presença dela, ele entrou em samadhi. Todos os outros discípulos ficaram preocupados com ele porque ele permaneceu em samadhi por um bom tempo e ninguém conseguia fazê-lo sair daquela contemplação profunda. A Santa Mãe recebeu um recado sobre o ocorrido e disse: “Não se preocupem com ele, ele ficará bem”. Depois, após um tempo passar, ela mesma foi até lá, tocou na mão dele e disse: “Meu filho, eu trouxe um pouco de comida consagrada para você. Acorde e coma”, e imediatamente o Maharaj retomou a consciência normal e se prostrou diante dela.

O Maharaj uma vez me disse que ninguém compreende realmente a Mãe a menos que ela se revele àquela pessoa. Ela está viva e se revela até para aqueles que não são dignos. Swami Premananda nos disse certa vez: “O veneno que não conseguimos digerir, mandamos para a Santa Mãe. Isto é, as pessoas que vêm até nós mas não conseguimos ajudar, mandamos para a Santa Mãe”.

Uma vez, um homem foi até ela com uma carta de meu mestre, Swami Brahmananda. O Maharaj pedia para que a Santa Mãe

abençoasse aquele homem. Assim que a Santa Mãe olhou para aquela pessoa, ela disse: “Oh, Rakhal manda um homem como este!”. Ele era muito impuro, mas a Santa Mãe o aceitou, o abençoou e transformou sua vida.

Swami Trigunatita é considerado um discípulo de Sri Ramakrishna e foi o fundador do Vedanta Center de São Francisco. Há uma história sobre ele ter sido mandado para a Santa Mãe por Sri Ramakrishna, que o aconselhou a tomar iniciação com ela. Por que ele o mandou para a Santa Mãe? Sri Ramakrishna costumava repetir um par de versos das escrituras Vaishnavas que expressava a ideia de que Radha, a Shakti divina de Krishna, tem mais poder que o próprio Krishna.

Acontecimentos adicionais

Uma vez, na casa de Irmã Nivedita, ela convidou a Santa Mãe para ouvir músicas de Páscoa. Embora a Santa Mãe não entendesse as palavras, ela compreendeu o espírito da ressurreição de Cristo e entrou em samadhi ouvindo a música. Em outra ocasião, a Irmã Nivedita explicava para ela sobre a cerimônia de casamento ocidental e repetiu para ela os votos feitos na ocasião. Enquanto a Santa Mãe ouvia aquelas palavras, ela falou: “Estas palavras são verdadeiras”. Vejam o quanto ela era uma apreciadora de tudo!

Ela era consciente o tempo todo de que era a Mãe do Universo. Ao mesmo tempo, dava para ver que ela era exatamente como a nossa própria mãe, uma mulher simples. Josephine MacLeod, a Tantine [apelido dado por Vivekananda], dizia: “Nunca vi nada nela exceto que era uma simples e boa mulher”.

Sri Ramakrishna não teve muitos discípulos, porém a Santa Mãe fez, no mínimo, mil discípulos. Aqui há uma peculiaridade, algo muito único: nenhum avatar, ou encarnação divina, foi adorado enquanto estava vivo da maneira como a Santa Mãe foi adorada.

Ela foi adorada como a Mãe Divina, como Mãe Deusa, como Deus Mãe. Mas vejam, ela permanecia como uma simples mulher do campo.

Um discípulo certa vez perguntou a ela: “Você é nossa Mãe verdadeira?”. Ela disse: “Sim”. E esta é uma relação verdadeira. A Santa Mãe está mais perto e temos uma relação mais próxima com ela do que com nossa própria mãe, que nos trouxe ao nascimento, de quem obtivemos a vida. Ela é nossa Mãe Eterna, mais do que nossa própria mãe. Era assim que ela nos fazia sentir.

Uma vez, alguém perguntou para ela: “Mãe, por que você deixa que pessoas assim venham até você?”. Sua resposta foi: “Se a criança entra na lama, o que a mãe faz? Ela limpa e dá banho na criança e a coloca no colo”.

Conheço outra história: havia uma pessoa conhecida como o “intocável”, que foi à Santa Mãe para iniciação. Mas ela disse: “Você sabe que aqui é um vilarejo. As pessoas irão interpretar mal. Vá para Calcutá, e lá eu te iniciarei”. E o intocável disse para ela: “Sim, quando você estava em perigo, aceitou o ladrão e sua esposa como seus pais, mas agora...”, a Santa Mãe disse a ele: “Tudo bem, fique por aqui. Aqui é Shiva-puri [a cidade de Shiva, i.e. um local sagrado]. Quem ficar aqui por três dias e três noites será purificado. E depois disso, eu te iniciarei”. Ele concordou e recebeu a iniciação. Ela considerava a todos igualmente.

Milhares de pessoas vinham para tocar seus pés

O público ia tocar os pés dela, centenas e milhares de pessoas faziam filas. Depois, ela colocava os pés na água gelada porque, como dizia: “Algumas pessoas vêm tocar meus pés e a sensação é a de uma fogueira com carvão em brasa”. Era como aquilo que chamamos de expiação vicária [a ideia de Jesus ter morrido pelos pecados da humanidade]. Era isso: ela tirava os pecados dos

outros. Alguns discípulos diziam: “Mas Mãe, não deixaremos que façam isso”, ela sorria e respondia: “Você acha que nosso Senhor veio apenas para comer doces?”.

Houve um outro incidente que conheço pessoalmente. Em minha cidade natal de Vishnupur, havia um homem que era desprezado pela sociedade devido ao seu mau caráter. Ele era um grande bebedor e fazia todo tipo de coisa. Quando a Santa Mãe estava na estação de trem, ele ouviu falar dela. E um outro homem também ouviu, este uma boa alma, considerado um homem santo em nossa cidade. Ambos foram até a estação receber a Santa Mãe. O homem santo tinha um ashrama à margem de um rio. Anos depois, quando as monjas aqui do sul da Califórnia e Krishna (Swami Krishnananda) foram comigo para a Índia, ficamos neste local perto do rio. Ele organizou para que a Santa Mãe ficasse em seu ashrama. O outro homem, considerado mau pela sociedade, também organizou uma estadia para a Santa Mãe em sua casa.

Então, ambos foram até a Santa Mãe e suplicaram para que ela fosse para suas casas. Ela disse: “Não, eu vou com você”, querendo dizer o homem imoral. Aquele homem se achava tão mau que não poderia sequer tocar os pés da Santa Mãe. Ele ficava à distância e dizia: “Não sou digno de tocar os pés da Mãe. Cometi tantos atos pecaminosos”. E claro, sabemos como a vida deste homem foi completamente transformada. Ele se santificou e foi um dos maiores discípulos. Sempre que a Santa Mãe viajava e passava por nossa cidade, ela ficava naquela casa. E agora esta casa se tornou um local consagrado, um local de peregrinação.

Uma vez, uma mulher que vivia de maneira muito imoral arrependeu-se. Ela ouviu falar da Santa Mãe e foi vê-la. Porém, não se atrevia a entrar no quarto onde a Santa Mãe estava sentada. Ela ficou do lado de fora e se prostrou. A Mãe disse: “Entre, filha”. A mulher disse: “Não, Mãe, não sou uma mulher boa, sou impura, vivi uma vida ruim. Não me atreveria a ficar em sua

presença. Vou me curvar de longe”. O que a Santa Mãe fez? Ela levantou, a pegou pela mão e a trouxe para dentro, dizendo: “Você se arrependeu”. E instantaneamente ela a iniciou e o curso da vida daquela mulher foi transformado. Há muitos eventos assim.

Uma vez, um homem veio e bateu com a testa no dedão da Santa Mãe de maneira que a machucou. E sabem o que ele disse? “Fiz aquilo de propósito para que a Mãe se lembrasse da dor e lembrasse de mim”.

Naquela época estava ocorrendo um boicote aos produtos ingleses. Um dos brahmacharis dela recebeu a ordem de comprar tecidos ingleses para a família. O jovem brahmachari disse: “Mas Mãe, você não sabe que estamos boicotando os produtos ingleses? Não posso ir comprar tais itens”. A Mãe então disse: “Sim, o que você está fazendo é correto, deveria mesmo boicotar. Mas veja, os ingleses são meus filhos tanto quanto vocês. Eu não posso boicotar”. Ela não fazia distinção ao conceder o mesmo amor universal a todos.

Isto me lembra de outro acontecimento político. Um dos meninos comentou com a Santa Mãe como o Presidente Woodrow Wilson [28º presidente dos EUA] estava tentando formar a Liga das Nações. Ele queria prevenir a guerra no futuro. Ela não conhecia o Presidente Wilson, mas assim que tudo foi contado para ela, ela comentou: “Eles falam com a boca e não com o coração”.

Ela dizia: “Estou muito velha. Vi meu pai morrer, vi minha mãe morrer. Vi tantos morrerem, então devo estar velha”, mas ela não mencionava que seu marido tinha morrido.

Recentemente encontrei uma carta⁵ da Santa Mãe que chegou até minhas mãos. É claro que não foi ela que escreveu, mas ela a

⁵ A carta encontra-se em *Teachings and Reminiscences*, de Swami Premananda (Hollywood: Vedanta Press, 1968), pp. 155-57.

ditou. Menciono isso pois há uma incrível verdade na carta. Um discípulo dela, que era um Swami, estava morando em Mayavati, um de nossos mosteiros nos Himalaias. O mosteiro é dedicado à prática do aspecto não dualista da Vedanta.

Não podia ter santuário, nem altar, nem adoração, nem mesmo oferecimento de flores às imagens. Esta é a regra estrita seguida por este mosteiro. O Swami escreveu para ela: “Mãe, se eu ficar aqui, terei que praticar o não dualismo e eu não sou um não dualista. Eu quero amar a Deus. O que devo fazer?”.

A Santa Mãe escreveu uma carta para ele, e é desta carta que consegui uma cópia recentemente. A Santa Mãe escreveu: “Não, meu filho. Você não é um dualista. Nosso mestre, nosso guru”, referindo-se a Sri Ramakrishna, “era um não dualista, você também é um não dualista”. Não há discussão ou briga ou diferença entre amar a Deus, adorar a Deus e o não dualismo.